

Convivência dos educadores de CL

Teresópolis, 5 a 7 de junho de 2015

Notas do diálogo com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de CL

Bracco: Proponho esse exercício, que cada um possa identificar nesse ano qual foi a experiência ou a fadiga que mais o marcou. Qual foi a coisa que você identificou como passo, como pedido? Qual é a sua pergunta?

Colocação: Para mim foi entrar em relacionamento, olhar e amar aquela realidade, tendo certeza que é um Outro que faz tudo aquilo. Entrar na sala dos professores foi passo de entrar no relacionamento com a realidade.

Colocação: Para mim, voltar para escola agora como vice-diretora é uma provocação muito grande, porque estive fora por um tempo. E eu me dei conta que estava dizendo sim a um amigo e não a um desconhecido. O meu grito é igual ao dos jovens. Fiz uma pergunta para os professores: Por que os jovens deixam de acreditar? Para mim está sendo um caminho bonito de responder a realidade.

Colocação: Eu trabalho em São Paulo numa escola particular. Ontem mesmo eu pensava em desistir de ser professora. A escola atende um grupo especial de alunos, que são filhos de artistas, meninos com algumas síndromes. Para ter uma noção sobre o que falo, há três semanas uma criança de 9 anos tentou o suicídio. Preciso rezar, preciso de Alguém que me encha de coragem e energia. A sensação que tenho é que de modo geral a escola abandona os professores.

Colocação: A dificuldade crescente que tenho vivido é que os professores estão sendo podados no relacionamento com os alunos. Eu me pergunto: Onde está o meu eu? Onde está a minha pessoa? Minha obrigação é seguir regras? Estou me sentindo impotente.

Colocação: A situação de fadiga para mim são os meus colegas professores. Meus colegas estão “mortos”. No ano passado a Anna Frigerio [educadora italiana] me disse: “Seja você com todo o seu desejo no coração, pessoas inteiras podem arrastar os outros. *Um eu vivo é um eu que pode transformar*”. Eu aprendi a olhar a realidade, pude ser eu, pude me colocar e fiquei muito feliz.

Bracco: Fiquei marcado com essas coisas que vocês falaram, porque temos que estar abertos aos desafios da realidade, que eram de uma certa forma até alguns anos atrás, e que mudaram radicalmente. Fiquei muito marcado por aquilo que o Papa falou no encontro com os movimentos,

falava do carisma com relação aos tempos, mas acho que vale para tudo. Temos sempre que estar abertos para não petrificar aquilo que recebemos. Este é o maior desafio, porque quando nós temos alguma coisa, a nossa tentação é que isso seja comunicável como a gente sabe. Mas o sinal de que uma coisa é verdadeira é que quanto mais a aprofundamos, quanto mais a vivemos, quanto mais a vivenciamos, mais essa força gera abertura para comunicá-la sem ficar refém das condições exteriores. O Carrón falou uma coisa recentemente que me marcou, ele falava que a maior força de uma comunicação não é, em primeiro lugar, de dentro para fora, mas é uma mudança que vai gerar uma comunicação. Ou seja, quanto mais eu estou comovido por uma coisa, quanto mais aquela coisa é verdadeira para mim, quanto mais aquela coisa me comove, por dentro, é isso que gera a força de comunicar, é como um transbordar. Quando a aula fica melhor? Quando você transborda de alguma coisa, quando te aconteceu alguma coisa, ou quando te falta alguma coisa, quando você precisa preencher um vazio? Quando é que eu me comunico mais? Quando tem um transbordar de alguma coisa. Então, a primeira mudança é sempre por dentro, é por dentro que acontece. A primeira coisa com a qual temos que nos preocupar é se por dentro de mim está acontecendo alguma coisa, antes dos meninos, daqueles que irão me escutar, antes de tudo aquilo que está fora. A primeira preocupação é: em mim estão acontecendo essas coisas? Em mim está vibrando aquilo que quero comunicar? Falo isso porque quando se transborda, aqueles que estão fora podem perceber ou não, porque esse transbordar é uma plenitude. Dá para entender? Quando você está transbordando alguma coisa, quem está fora de você pode perceber ou não. Mas isso não te machuca, porque é uma plenitude que você está vivendo. Mas quando nós comunicamos sem transbordar alguma coisa, nós somos sempre reféns de algo, porque é como um vazio que temos dentro. Quando isso acontece te mata, porque não fomos feitos para viver meio vazio e meio cheio. Nós podemos viver situações que nos limitam de todos os lados, mas você comunica um transbordar. É um coração que bate dentro do seu. Quando eu transbordo alguma coisa? Quando tenho um coração que bate dentro do meu. Aí eu posso não falar nada daquilo que eu queria, mas basta dar aula que faz alguma coisa. Se você tem isso é impossível não comunicar alguma coisa. Você queria ser uma flor toda colorida, mas você tem que ser um pedaço de pau. Mas dentro disso comunica um olhar dentro do seu olhar, um coração que bate dentro do seu coração. Nós vemos isso? Alguém pode me falar da folha de uma planta, mas aí tem todo um vibrar dentro dessa folha. Por quê? Porque falando da folha tem um coração que bate dentro do coração dele. Então, a nossa tentação é que precisamos falar de Cristo, precisamos falar de tantas coisas que queríamos, mas Cristo te fala: “Não! Agora eu te dou essa condição”. Você tem um coração que bate dentro do seu falando aquilo que tem que falar. Esse é o desafio. Mas acho que é uma coisa muito importante interessante porque não temos outro recurso a não ser esse de verificar se tem um olhar dentro do meu olhar, se tem um coração que bate dentro do meu.

Os artesãos da Idade Média, quando eles faziam uma cadeira de madeira ninguém os via, mas nos lugares mais escondidos, talvez dentro da madeira, eles colocavam alguma coisa. Só depois de 200 anos descobriram que eles colocavam um papel escrito. Por que fizeram isso? Ninguém podia ver enquanto eles estavam vivos, mas era um amor, um coração que batia dentro, e naquele papel talvez tivesse uma frase sobre o mistério de Cristo, de Deus, ninguém os enxergava, mas todo mundo via aquela cadeira de madeira feita de uma forma que era diferente. Acho que teremos a nossa liberdade limitada. Mas na matéria que lecionamos – história, geografia, etc –, mesmo sem falar de Cristo vai ser visível esse coração que bate dentro do meu.

Colocação: Percebo que tem acontecido uma invasão muito grande no que diz respeito à relação professor/aluno. Porque para o professor esse é seu maior tesouro (o relacionamento entre professor e aluno). Um exemplo é que minha coordenadora me diz que falo muito, que quero tudo muito grande para esses meninos. Isso me destrói de uma forma que eu digo: “*que diabo*”, *nem dentro da minha sala com meus alunos essa pessoa me deixa*. Eu deveria ser a dona daquela situação porque sou eu que encontro com eles todos os dias, sou eu que me relaciono com as famílias, mas chega um ponto em que eu não consigo identificar onde está esse coração. Eu me sinto tendo que me comportar como ela quer, ou seja, falar o que ela quer ouvir.

Bracco: Nós vivemos dentro de um mundo que tem algumas regras, não? Tipo uma meritocracia que deveria funciona assim, quem vende mais merece mais. Então, é como se fosse uma linha horizontal, também vocês. Quem ensina bem vai continuar, mais um erro, dois erros, três erros tem uma fila de pessoas que podem pegar o teu lugar. Nós vivemos dentro desse mundo que tem algumas regras, que tem algumas ideias. Você é aquilo que você vale, aquilo que você produz. Se você me traz aqui mais erros que soluções você não funciona. Nós vivemos dentro de um mundo que é assim, tem uma linha horizontal, mas eu encontrei uma coisa que me fala que eu não sou isso, que eu não sou medido pelo meu erro, ou por aquilo que acerto, o meu mérito não é a meritocracia. Então, dentro dessa linha horizontal, parece que tem uma coisa que entra na vertical que é a única possibilidade de eu ser livre dentro desse mundo. Porque você tem a sua chefe que te olha assim, ela tem os seus chefes que falam aquilo que pode fazer ou aquilo que não pode. Nós vivemos dentro de um mundo onde temos que viver algumas regras, mas podemos fazer também a experiência que dentro dessas regras tem algo que nos torna livres, não revolucionários, porque se você é revolucionário você vai embora, você não leva para casa dinheiro, então como faço? Devo ser resignado porque “de alguma forma tem Cristo que me ama”? Nessa vida que seria uma vida de medida ou dentro de regras, mesmo assim eu posso fazer a experiência de ser livre. Dentro da sala de aula eu posso fazer a experiência de ser livre, mesmo com essas regras, mesmo com aquela

pessoa que me limita, e não me sentir limitado. Esse é o olhar dentro do olhar, esse é o coração dentro do coração. Entende? Você pode estar preso em uma prisão e ser livre. E quem te olha encontra alguma coisa que muda o mundo dentro deles. Isso aqui é educação, isso aqui é não ficar com medo de viver num mundo com as suas regras, com os seus limites, mas eu posso fazer a experiência de liberdade dentro do mundo. Porque os meninos precisam encontrar pessoas assim. Porque eles são dominados pelo medo que vivem os pais deles. Quem nesse mundo de hoje em dia vive sem medo? Temos medo da crise, temos medo das facas pelas ruas. Tudo, tudo é impregnado desse medo que a gente vive. Quem dentro dessa situação tem um olhar, uma esperança que abre uma porta, que te fala que é possível caminhar? Nós estamos aqui por isso, porque nós também podemos nos tornar parte desse medo e não ter mais esperança. E aquilo que me marcou é: nós vivemos dentro de um mundo que tem regras, dentro de um mundo que nos limita, dentro de um mundo no qual você não pode expressar aquilo que você quer, mas dentro dessa linha onde nós temos que viver, é possível fazer a experiência de uma liberdade e comunicar essa liberdade. Eu fiz a experiência do possível e é isso que te liberta do medo, não é que te tira o medo. Porque se você vive em uma cidade onde começam a esfaquear pessoas pelas ruas, não é que você vai tranquilo por aí, mas é como a criança que quando tem o pai ou a mãe, não é que o medo some, mas ela entra no quarto escuro, ela tem a coragem de entrar porque tem uma presença. Então, nós temos que verificar se nós estamos fazendo essa experiência, porque cada vez mais é como se o mundo precisasse de nós, quisesse nos falar isso. Precisamos dar esperança a esse mundo que vive no medo, que vive com as portas fechadas. Quando alguém está sem medo começa a arriscar um caminho, começa a abrir uma porta, não está bloqueado. Quando tem uma Presença comigo eu não estou mais bloqueado. Então, dentro de uma escola, dentro desse mundo, existe a possibilidade de criatividade de ser eu mesmo, de comunicar. Isso eu entendo que é um coração que bate dentro do meu coração.

Colocação: Sobre o medo e o limite. Percebo hoje que o meu olhar é diferente daquele do meu diretor. Outro fato para mim é chamar os pais para a sua responsabilidade, porque não cabe a mim como professor dar alguns limites que são de responsabilidade da família. Os jovens estão desorientados e os seus valores são diferentes.

Colocação: Meu maior desafio é o trabalho com os meus colegas professores. Pois me dou conta que acolher alguém é um ato de amor. Posso falar que estou tomada por essa realidade.

Colocação: Professores, alunos, coordenação e direção gritam por uma necessidade. Todos estão na mesma situação. Olhar para a realidade e ver que bate um coração forte. Trabalhar esse olhar. Ninguém olha para eles (jovens). Nós não estamos sozinhos!

Bracco: Para mim, eu penso na minha experiência. As pessoas que mais me fascinaram e me fascinam são aquelas que têm tudo dentro delas, não são pessoas mais inteligentes, mais... são pessoas que me levam a um outro lugar. Eu tenho sempre essas imagens, eu viajo por imagens, são pessoas que me levam para um outro e não para si mesmas. As pessoas mais fascinantes não são aquelas que dizem “se você me segue te mudarei, se você me segue te educarei”. Não! São aquelas que te levam para um outro lugar no qual elas estão seguindo e olhando. Por isso é importante se temos um coração que bate dentro do nosso coração, se temos um olhar dentro do nosso olhar. Os meninos vão olhar esse olhar, são fascinados por esse olhar. O teu olhar brilha se tem um olhar dentro do teu olhar. Eu pelo menos fico fascinado por pessoas assim, que você vê e pensa “essa pessoa não acaba em si mesma, essa pessoa está olhando para outra coisa”. Essas são as pessoas que fascinam. Nós temos que nos perguntar: Queremos que os meninos parem em nós? Estamos educando? Estamos levando para um Outro que eu sigo, que me fascina, que me ama? É uma outra coisa ver como movemos a liberdade das pessoas. Porque primeiro te torna livre. Como o Papa falou: “se eu sou o centro eu sou escravo”. Então, sempre descentrados, também os educadores têm que ser descentrados, não são eles o centro, mas se têm uma outra coisa no centro os meninos irão te olhar, te olham mais, você se torna mais fasciante, tem mais mistério em você. Uma pessoa com mais mistério é mais fasciante do que uma pessoa que sabe tudo. Professor não é aquele que sabe tudo, é aquele que te introduz no mistério, o mistério te leva para um panorama.

Colocação: Estou vivendo um momento dramático, mas também muito interessante. Nunca fiquei com medo e sempre fui muito livre, seja como professora ou como coordenadora. Em fevereiro fiquei grávida, então a direção da escola me chamou e disse que para o cargo que eu ocupo seria difícil continuar. Indo ao departamento de recursos humanos o responsável me disse que tiraram o meu cargo porque eu incomodo. Então eu perguntei: por que incomodo? Será porque eu não faço o que eles querem, como por exemplo assinar as coisas erradas? Ser verdadeiro com o desejo do meu coração cria problemas porque eu falo. Eu estou feliz porque nunca deixei de ser eu, ser verdadeira nas coisas. A nossa vocação é ser um sinal de uma Presença que deixa um incômodo que acorda a todos, porque encontramos alguém que fez a diferença para nós.

Colocação: Estou sentindo um misto de alegria e vergonha, porque o meu ambiente de trabalho é muito tranquilo. Eu estou aqui com quatro professoras da minha escola. Eu fiz um convite a todos

os professores que quisessem me conhecer melhor que viessem para essa convivência e essas quatro pessoas toparam. Quem me ensinou a ser educadora não foi a faculdade e sim Luisa Cogo que trabalhou alguns anos atrás na Fundação Avsi em Belo Horizonte. Para nós, educação é mover a liberdade dos meninos, provocá-los até o extremo. A criança para mim é o meu espaço de relacionamento com Cristo. Então, o meu problema não é como o de vocês, e sim financeiro.

Bracco: Queria só ler uma coisa que me marcou do Carrón. Ele não falou para educadores, mas eu acho que vale a pena ler para vocês também: “ Por isso eu digo: ajudemos-nos a acompanhar todos, qualquer que seja o ponto do caminho onde eles estão, e vamos ver que inteligência nós somos chamados a utilizar para poder encontrar a sugestão adequada para aquela pessoa naquele momento, para aquele menino naquele momento no ponto da estrada que ele se encontra. E isso não é algo que nós já sabemos com antecedência, eu pelo menos não sei”. Porque nós podemos estar numa situação muito boa, que é uma graça de Deus ter isso, podemos estar em uma situação na qual podemos expressar, até dirigir uma escola segundo os critérios que aprendemos, ou podemos estar em uma situação onde você não pode falar nada, até procurar outra coisa, até podendo mudar, mas essa coisa de se identificar com o ponto no qual o outro está eu acho que é o maior desafio que temos. Como vocês falaram, cada menino está num certo ponto. Nós queríamos que todo mundo estivesse no ponto que nós temos na cabeça, mas cada um está num certo ponto, como os próprios filhos, como os amigos. Eu me dei conta de quanto violento é isso. Você entende uma coisa, você vive uma coisa, e é como se todo mundo tivesse que chegar lá.

A coisa mais maravilhosa do mundo é quando você entende esse ponto que está falando o Papa, Carrón, Dom Giussani, Jesus: “mas vocês ainda não entenderam?” É como se vocês quisessem puxar todo mundo para ficar ali naquele ponto, mas vocês não se dão conta de que tem aquele amigo que está com o pé preso. Você puxa, puxa, mas ele não consegue chegar, até quando você não tem mais paciência com ele até entender que ele está com o pé preso. Então o que eu posso fazer? Não para que ele chegue onde eu quero, mas para desprender o seu pé que está preso. Muitas vezes vi que temos a preocupação que todo mundo chegue a entender aquilo que nós entendemos, mas não temos a sensibilidade de ver onde estão presos os pés, onde está presa a liberdade, não temos esse amor pela liberdade. Esse é desafio que temos. Hoje cada vez mais temos dificuldade com a perda da liberdade, não só os jovens, são todos, é muito fácil que a liberdade fique presa. Então, quando temos alguém que nos ajuda a acender uma faísca, o que acontece? Aquela faísca desbloqueia alguma coisa. Esse é o gosto de educar, não que todo mundo entenda aquilo que você fala, mas quando acontece essa faísca você vê logo.

Carrón fala: “Peçamos a inteligência para poder encontrar a sugestão adequada para todas as pessoas naquele momento no qual elas vivem, não no que nós queremos, isso não é algo que nós

sabemos com antecedência, precisamos constantemente de uma Presença no olhar que te faz reconhecer naquele momento o que pode ser adequado para ajudar aquele menino a dar o passo”. Preciso constantemente de uma Presença no meu olhar que me faz reconhecer naquele momento a coisa mais adequada para aquela pessoa dar o passo. Nós temos instruções detalhadas para ousar. Acho que esse é um desafio belíssimo, é o risco, mas também é a ajuda que nós podemos dar sempre, para não ter medo de arriscar-se, para procurar esse olhar dentro do nosso olhar, esse coração que bate, não um coração morto, um coração que bate dentro do nosso coração, porque nós podemos também ter um coração dentro do nosso coração mas este pode estar morto. O que nós seguimos? O que eu sigo para que os outros me sigam?

Ninguém gera se não é gerado. Por isso queria fazer uma proposta: queria que vocês pudessem participar das férias nacionais que vamos fazer com todo o Movimento no final de julho. Porque eu acho que é uma oportunidade para a gente viver isso. Podemos nos dar conta de quem nos gera para podermos gerar também. A proposta de um gesto como as férias do Movimento é uma oportunidade para nos ajudar cada vez mais a nos darmos conta disso. O que significa ter uma Presença no olhar? O que significa gerar? Quem é que gera? Para eu poder gerar. Não podemos considerar nada óbvio. Cada um de nós pode se perguntar isso agora: quem é que me gera? Qual é a Presença que eu tenho no olhar? Sem medo. Porque a coisa grandiosa que estamos aprendendo é de não ter medo do ponto em que estamos, porque tem uma misericórdia injusta, como o Papa falou. A misericórdia que temos e que nos rodeia de todos os lados é uma misericórdia injusta. Injusta, porque Cristo não te olha por aquilo que você fez de bom ou de ruim, no momento em que está, se você está bem ou mal. Ele te dá toda essa misericórdia independente de tudo. Então, nesse sentido é injusta, mas quando eu me sinto de novo olhado assim é uma vida que volta. Então, queria só fazer de novo essa proposta para vocês pensarem nesse momento das férias, porque é uma oportunidade de aprofundarmos aquilo que começamos a falar hoje.